

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Aproximações da Fenomenologia Social aos conceitos de Mikhail Bakhtin

Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos, Crisóstomo Lima do Nascimento, Jacqueline de
Cássia Pinheiro Lima

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7940>

Submetido em: 2024-01-23

Postado em: 2024-02-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Renato Gama (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7556-1377>)

APROXIMAÇÕES DA FENOMENOLOGIA SOCIAL AOS CONCEITOS DE MIKHAIL BAKHTIN

SIMONE OLIVEIRA THOMPSON DE VASCONCELOS¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7176-9456>
<simone.vasconcelos@ifes.edu.br>

CRISÓSTOMO LIMA DO NASCIMENTO²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8764-5220>
<crisostomoln@gmail.com>

JACQUELINE DE CÁSSIA PINHEIRO LIMA³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-8948>
<jacapili.jl@gmail.com>

¹ Instituto Federal do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santo (ES), Brasil.

² Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

³ Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

RESUMO: A investigação apresentada é um ensaio teórico da tese de doutorado “Retratos sociais da cidade e a formação inicial de professores: propostas formativas a partir das aproximações da fenomenologia social aos conceitos de Bakhtin” do Programa de Cognição e Linguagem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Este recorte possui como objetivo principal apresentar as aproximações entre a filosofia de Alfred Schutz (Fenomenologia Social) e a de Mikhail Bakhtin (Linguagem Dialógica). Para alcançar o objetivo colocamos em perspectiva, por meio de pesquisa bibliográfica, as concepções esboçadas nos fundamentos filosóficos de suas obras, particularmente Estética da Criação Verbal (BAKHTIN, 1997), Problemas na poética de Dostoevski (BAKHTIN, 2013), Por uma filosofia do ato responsável (BAKHTIN, 1993), o conjunto de textos que compõem a teoria do romance de Bakhtin, Fenomenologia e relações sociais (SCHUTZ, 1970) e A fenomenologia do mundo social (SCHUTZ, 1967) de Alfred Schutz. A tese se insere na problemática da formação de professores/mediadores. Para realizar a pesquisa apresentaremos propostas formativas utilizando espaços da cidade, a partir das reflexões propostas pela fenomenologia social de Schutz e dos conceitos de Bakhtin, visando contribuir para a formação de professores/mediadores ampliando sua leitura de mundo e a práxis pedagógica. Para tanto refletiremos sobre a formação do ser/sujeito/estudante por meio de contextos filosófico, histórico, político e social. Assim, neste artigo, além das aproximações entre os autores supracitados e alguns de seus conceitos, faz-se um relato sobre a importância da filosofia para a educação escolar e pontes com a pedagogia progressista. Utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa a partir do eixo teórico-metodológico fenomenológico, concluindo a existência de diálogos possíveis entre os pensamentos dos autores, apesar das formações e histórias de vida distintas.

Palavras-chave: Fenomenologia social, Bakhtin, Educação escolar.

APPROACHES OF SOCIAL PHENOMENOLOGY TO MIKHAIL BAKHTIN'S CONCEPTS

ABSTRACT: The research presented is a theoretical essay of the doctoral thesis “Social portraits of the city and the initial training of teachers: formative proposals based on the approaches of social phenomenology to Bakhtin's concepts” of the Cognition and Language Program, at the Universidade

Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). This section's main objective is to present the similarities between the philosophy of Alfred Schutz (Social Phenomenology) and that of Mikhail Bakhtin (Dialogical Language). To achieve the objective, we put into perspective, through bibliographical research, the conceptions outlined in the philosophical foundations of his works, particularly Aesthetics of Verbal Creation (BAKHTIN, 1997), Problems in Dostoevsky's poetics (BAKHTIN, 2013), For a philosophy of responsible act (BAKHTIN, 1993), the set of texts that make up Bakhtin's theory of the novel, Phenomenology and social relations (SCHUTZ, 1970) and The phenomenology of the social world (SCHUTZ, 1967) by Alfred Schutz. The thesis is part of the issue of teacher/mediator training. To carry out the research, we will present training proposals using city spaces, based on the reflections proposed by Schutz's social phenomenology and Bakhtin's concepts, aiming to contribute to the training of teachers/mediators by expanding their reading of the world and pedagogical praxis. To do so, we will reflect on the formation of the being/subject/student through philosophical, historical, political and social contexts. Thus, in this article, in addition to the similarities between the aforementioned authors and some of their concepts, a report is made on the importance of philosophy for school education and bridges with progressive pedagogy. We used qualitative research as a methodology based on the phenomenological theoretical-methodological axis, concluding the existence of possible dialogues between the authors' thoughts, despite their different backgrounds and life stories.

Keywords: Social phenomenology, Bakhtin, Schooling.

APROXIMACIONES DE LA FENOMENOLOGÍA SOCIAL A LOS CONCEPTOS DE MIKHAIL BAKHTIN

RESUMEN: La investigación presentada es un ensayo teórico de la tesis doctoral “Retratos sociales de la ciudad y la formación inicial de docentes: propuestas formativas basadas en los acercamientos de la fenomenología social a los conceptos de Bakhtin” del Programa de Cognición y Lenguaje, de la Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). El principal objetivo de esta sección es presentar las similitudes entre la filosofía de Alfred Schutz (Fenomenología social) y la de Mikhail Bakhtin (Lenguaje dialógico). Para lograr el objetivo, ponemos en perspectiva, a través de investigaciones bibliográficas, las concepciones esbozadas en los fundamentos filosóficos de sus obras, particularmente Estética de la creación verbal (BAKHTIN, 1997), Problemas en la poética de Dostoievski (BAKHTIN, 2013), Por una filosofía de la acto responsable (BAKHTIN, 1993), el conjunto de textos que componen la teoría de la novela de Bakhtin, Fenomenología y relaciones sociales (SCHUTZ, 1970) y La fenomenología del mundo social (SCHUTZ, 1967) de Alfred Schutz. La tesis se enmarca en el tema de la formación docente/mediador. Para realizar la investigación, presentaremos propuestas de formación utilizando espacios urbanos, a partir de las reflexiones propuestas por la fenomenología social de Schutz y los conceptos de Bakhtin, con el objetivo de contribuir a la formación de profesores/mediadores ampliando su lectura del mundo y su praxis pedagógica. Para ello, reflexionaremos sobre la formación del ser/sujeto/estudiante a través de contextos filosóficos, históricos, políticos y sociales. Así, en este artículo, además de las similitudes entre los autores citados y algunos de sus conceptos, se hace un informe sobre la importancia de la filosofía para la educación escolar y los puentes con la pedagogía progresista. Se utilizó la investigación cualitativa como metodología basada en el eje teórico-metodológico fenomenológico, concluyéndose la existencia de posibles diálogos entre el pensamiento de los autores, a pesar de sus diferentes procedencias e historias de vida.

Palabras clave: Fenomenología social, Bakhtin, Enseñanza.

INTRODUÇÃO

O presente artigo insere-se nas reflexões sobre os conceitos dos autores Alfred Schutz e Mikhail Bakhtin e trata de um recorte da tese de doutoramento com o título “Retratos sociais da cidade e a formação de professores: propostas formativas a partir das aproximações da Fenomenologia Social aos conceitos de Bakhtin”. Este trabalho é parte da apresentação dos pontos de confluência das ideias e conceitos dos autores Alfred Schutz e Mikhail Bakhtin a fim de auxiliar na construção do contexto histórico e desenvolvimento da pesquisa que visa contribuir para a formação inicial de professores (Estudantes do Curso de Licenciatura em Letras Português, na modalidade à distância, do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória). A escolha de Alfred Schutz se deu pela participação no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE) e a escolha de Mikhail Bakhtin se deu a partir de sua importância no campo da linguística, mais especificamente nas disciplinas “análise do discurso” e “linguística aplicada ao ensino de língua”, que em suas ementas apontam diálogos e práxis pedagógicas para os estudantes de Licenciatura em Letras Português e futuros professores de Língua Portuguesa.

Apesar de não localizar trabalhos que apontem pontos de aproximação entre os pensamentos dos autores no repositório do Portal Capes, a partir da leitura de suas obras é possível observar, mesmo com historiografia e formações distintas, pontos de confluência e de divergência de suas ideias, uma vez que tiveram como fonte filósofos do final do século XIX e início do século XX. A partir dos pressupostos que serão apresentados a seguir, defenderemos a tese de que os espaços da cidade, sua historicidade e as contradições presentes neles analisadas a partir da fenomenologia social de Schutz e dos conceitos de Bakhtin, contribuem para a apropriação de conhecimento, compreensão crítica dos processos contraditórios presentes na cidade, bem como para a formação dos seres humanos/sujeitos/professores/mediadores, principalmente àqueles que se utilizam da língua e linguagens como material de trabalho.

Na tese seguiremos a pedagogia progressista para dialogar com as propostas aqui apresentadas, a partir dos pressupostos de Paulo Freire. Dentre alguns pressupostos temos a consciência do inacabamento do ser humano, para Freire (2010), nossa passagem pelo mundo não é predeterminada, a história que construo com o outro e que tomo parte é um tempo de possibilidades, de diálogo, de problematização. Além disso para o autor a educação deve ser desalienante, reflexiva, capaz de inserir o homem-sujeito na própria história, conhecendo seus tempos e espaços. Para ele devemos estar dispostos a aprender, pois quando nos abrimos a aprendizagem é que podemos ensinar também (FREIRE, 1995).

A fim de refletir sobre a formação inicial de professores Libâneo (1994) aponta que a educação escolar socializa o saber sistematizado desenvolvendo capacidades cognitivas e operativas aos estudantes por meio do domínio dos conhecimentos culturais e científicos a fim de conquistarem o direito à cidadania. Além disso, reforça que o ensino de língua portuguesa traz grande responsabilidade ao professor, pois a língua é instrumento para a participação social dos indivíduos em todas as esferas da vida (profissional, política, cultural).

Para situar o indivíduo como ser social capaz de se apropriar de conhecimento, refletiremos sobre a visão de mundo a partir da fenomenologia em Alfred Schutz, tratando da realidade cognitiva incorporada aos processos humanos a partir de experiências (materiais e métodos) oferecidos pelos outros. Nesse momento estudam-se as obras *Fenomenologia e relações sociais* (SCHUTZ, 1970) e *A fenomenologia do mundo social* (SCHUTZ, 1967), deste autor.

Na tese abordaremos os conceitos de alteridade, heteroglossia, exotopia, cronotopo e suas contribuições para a formação docente, seguindo o pensamento de Mikhail Bakhtin, bem como observaremos as vozes presentes nas narrativas e textos produzidos pelos estudantes. Neste artigo abordam-se as obras *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 1997), *Problemas na poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2013), *Por uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017), o conjunto de textos que compõem a teoria do romance de Bakhtin.

O presente artigo está dividido em quatro seções, a primeira traz a contextualização, sob a ótica da autora, do período histórico em que viveram os autores a fim de informar ao leitor que apesar de viverem no mesmo período histórico, os autores tiveram realidades sócio-culturais distintas. Nessa

primeira seção trazemos uma breve apresentação dos mesmos e as obras lidas para esse ensaio. A segunda seção aponta a importância das reflexões filosóficas no campo educacional. A terceira seção, apresenta as confluências e divergências das ideias dos autores base da pesquisa de doutorado e, por fim, as considerações finais. A seguir iniciamos com a contextualização histórica.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A fim de atingir o objetivo principal deste artigo faz-se necessário descrever minimamente a história da época em que viveram os autores retratados aqui, pois suas obras refletem o mundo social em que viviam e contextualizar esse espaço/tempo é importante. Bem como é importante refletir o desenvolvimento da educação mundial e do Brasil.

De acordo com Martins (2019) o objetivo da história é dar inteligibilidade ao mundo social e uma narrativa historiográfica é o termo utilizado para designar a totalidade dos produtos científicos que tratam da história humana, metodicamente organizados pelo pesquisador.

Segundo Aranha (2012) devemos nos referir à condição humana pautada no conjunto das relações sociais, sempre mutáveis e mergulhada em um contexto histórico-social concreto.

Assim, a Europa desde o final do século XIX seguia um movimento revolucionário, onde desafiava os privilégios aristocráticos e a ordem tradicional, inspirado principalmente na Revolução Francesa (1789, do final do século XVIII). O marco das lutas foi a igualdade e os direitos humanos. No mercado pode-se dizer que perpetuava a revolução industrial com técnicas e produções em largas escalas, a classe burguesa seguia economicamente independente, instruída, construindo a mudança política e econômica da época. A Europa tornou-se dominante no cenário mundial e seu território não tinha a configuração geopolítica hodierna, justamente por causa das guerras e conquistas territoriais de países soberanos como França e Inglaterra.

Retomando à Europa do final do século XIX, a industrialização tardia da Alemanha havia deixado esta de fora da partilha imperialista do mundo, causando aborrecimento a este país. O pensamento nacionalista, devido as conquistas, se desenvolveu à época.

No início do século XX (podemos apontar como um século sangrento) um grupo de países sobressaia-se a outro e o descontentamento generalizado provocou alianças para novas conquistas (Entente Cordiale Anglo-Francesa -1904, Pacto Anglo-Russo -1907, Tríplice Entente - Inglaterra, Rússia e França – e Tríplice Aliança – Alemanha, Áustria e Itália). Países europeus buscando novos mercados para consumo de suas produções visavam dividir suas conquistas territoriais (os continentes Ásia e África) e neutralizar a Alemanha. Aconteceu, assim, a Primeira Guerra Mundial (1914 -1918), que provocou grande número de mortes, esgotamento de reservas alimentícias e de matéria-prima. Ocasinou, ainda, grande aflição da população e uma crise econômica que abateu a Europa e beneficiou países distantes como os Estados Unidos e Japão (PEDRO, 1995, p. 291).

A Rússia, em 1905, após a contenção da expansão czarista pela derrota diante do Japão (Guerra Russo Japonesa 1904-1905), mostrou a fragilidade do sistema autocrático. Começaram as manifestações populares inicialmente liderada por operários e, mais tarde, pela burguesia.

Concessões foram feitas pelo Czar como a criação de uma Constituição e a Reforma Agrária. Mas, a participação da Rússia na Primeira Guerra foi crucial para o estopim da crise. Mencheviques de esquerda, bolcheviques e anarquistas eram contrários a participação da Rússia na guerra, tendo em vista o favorecimento dos capitalistas dos países imperialistas.

Em 1916 a crise econômica aumentou junto com a repressão do czar e estas fizeram ressurgir os partidos de esquerda e as reivindicações. Em 1917 aconteceu a Revolução Russa (Outubro Vermelho) em que culminou com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o primeiro governo socialista da história. Em 1918 foi criada uma nova Constituição. Vale salientar que a guerra civil seguiu até 1925 com a destituição do cargo de defesa de Trotsky por Stálin e a instauração de uma nova ditadura na Rússia.

Da mesma forma a Europa estava em crise após a Primeira Guerra, a Alemanha saiu extremamente insatisfeita depois de assinar o Tratado de Versalhes (acordo que obrigava a Alemanha indenizar financeiramente países prejudicados por suas invasões), a Inglaterra e França saíram

endividadas. Os EUA começaram a sentir a primeira crise do capitalismo e o governo foi obrigado a intervir na economia (Crise de 1930).

Assim, a Alemanha com medo do que aconteceu na Revolução Russa passa a investir na indústria bélica e se organizar no movimento fascista a fim de “salvar” o capitalismo. A França passa a fazer vista grossa às invasões em países como a Polônia (descumprimento ao Tratado de Versalhes). Em 1940 Hitler invade a Holanda, Bélgica e derrota a França, inaugurando a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1941 invade a URSS, mas o exército vermelho consegue impedir a invasão a Moscou. A Inglaterra resiste à Alemanha isolada na Europa. Em 1942 a Alemanha começa a exterminar populações inteiras de judeus, poloneses, eslavos. Os Aliados (EUA, Inglaterra e URSS) unem-se a fim de conter o avanço fascista (PEDRO, 1995).

Ao fim da guerra vimos um mundo polarizado: capitalista versus socialista (Guerra Fria). E, no mundo contemporâneo, após a queda do muro de Berlim (em 1989) e dissolução da antiga União Soviética (em 1991), vemos a ascensão do modelo econômico capitalista (globalização), o fortalecimento do neoliberalismo, a multipolaridade (diversos centros de poder ao longo do globo), o aumento da diversidade cultural. A seguir apresentamos os autores que viveram em períodos históricos similares, mas com realidades socioculturais distintas e que de alguma forma possuem ideias convergentes, sem tensionamento.

Alfred Schutz (1899 – 1959)

Alfred Schutz foi filósofo e sociólogo. Sua filosofia foi embasada principalmente nas obras dos autores Edmund Husserl (fenomenologia) e Max Weber (sociologia).

Nasceu em Viena, na Áustria. País aliado à Alemanha e participante da Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália – 1882). Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu ao exército austro-húngaro. Estudou Direito e Ciências Sociais nesse país e mudou-se para os Estados Unidos da América (EUA) no ano de 1939, após a união da Áustria à Alemanha durante a segunda guerra mundial. O autor foi casado e teve dois filhos.

Trabalhou em instituição financeira (banco) como advogado e teve uma agenda de compromissos muito cheia. Se dedicou à filosofia no tempo em que estava lecionando em universidades. Participou do Círculo de Mises. Ludwig von Mises foi um economista austríaco, judeu e poliglota que se dedicou a praxeologia (estudo dedutivo das ações e escolhas humanas) e contribuiu para o pensamento de Schutz, assim como outros filósofos como Bergson, Dilthey, Rickert. Correspondeu-se com Husserl a fim de aprofundar algumas reflexões. Sua obra foi publicada em ordem cronológica à escrita e teve visibilidade no ocidente. O autor escreveu diversos artigos que mais tarde foram reunidos em livro (*Collected Papers I, II, III e IV*).

As obras que são estudadas neste artigo são: *A fenomenologia do mundo social* (1967) – escrita em 1932, sua obra mais conhecida. E, *Fenomenologia e relações sociais* (1970) – obra que Helmut Wagner reúne parte do conhecimento do livro “A fenomenologia no mundo social” e cerca de 20 ensaios do autor.

Na obra mais conhecida, *A fenomenologia do mundo social*, Schutz apresenta um problema que assola diversas áreas do conhecimento, o da desconfiança do caráter científico. O problema se apresenta principalmente pela metodologia utilizada nas pesquisas científicas que optam pela classificação das descrições e conceitos a partir de uma lógica específica. A sociologia emerge do senso comum, da nossa vivência do dia a dia, e, assim, parece difícil uma examinação científica dos fenômenos apresentados. No entanto, a interpretação dos significados construídos no mundo da vida nos faz compreender mais do nosso mundo (meu mundo), bem como do mundo dos outros (SCHUTZ, 1967). Rickert apresentou anteriormente essa mesma preocupação, mas voltou seus estudos a divisão da ciência em naturalista e histórica (fundamentando axiologicamente o conhecimento histórico).

Na sociologia Max Weber aponta que devemos nos abster dos julgamentos de valor. Por sua vez, Schutz (1967) acredita que Weber está correto nas questões epistemológicas de sua filosofia, como no conceito de formação nas ciências sociais, mas discorda dele porque acredita que na

subjetividade do nosso cotidiano extraímos conhecimento complexo sobre o mundo da vida. E, a partir dos outros, do contexto social e da situação biográfica em que nos encontramos criamos nossos juízos de valores e assimilamos as ideologias.

Em seus estudos Schutz (1967) aponta igualmente limitações na teoria de Weber quando este interrompe sua análise do mundo social ao se deparar com o elemento básico e irreduzível do fenômeno social, o ato significativo individual, a ideia chave para a sociologia interpretativa. Ele para de tecer questões a respeito do ato e da ação, quando na verdade o ato significativo individual é um sistema complexo que pode se ramificar para diferentes áreas de estudo.

A partir das leituras arrisca-se dizer que o ‘ato significativo individual’ em Schutz é similar a ‘criação de sentidos’ na psicologia. E, é a criação de sentido a partir dos fenômenos que traz a estabilidade ou instabilidade emocional para enfrentarmos a vida cotidiana.

Ao pesquisar sobre os atos e ações individuais Schutz (1967) ingressa em estudos de Bergson e depois na fenomenologia de Husserl, refletindo sobre retenção, refração, significado, experiência, comportamento, consciência, intersubjetividade. Ao deparar-se com conceitos específicos de Husserl como intencionalidade, intersubjetividade e mundo da vida (*Lebenswelt*) adiciona novas características à sua teoria. Reflete, assim como Bakhtin, sobre os conceitos de ato e atividade. Define ato como uma projeção, um quase ser, que depende do que o autor do ato deseja que ele se torne e ação/atividade consciente é o “ato projetado”. Explica a essência do significado a partir da experiência (unindo reflexões de Husserl e Bergson), depois passa para a construção do mundo da experiência a partir da sua ordenação em esquemas (experiências previamente acumuladas e sedimentadas derivadas da relevância interpretativa motivada ou não), chegando então aos conceitos de “atenção à vida” e “mundo da vida”.

Sua sociologia aborda o mundo da vida recheado de ideias de como vivê-la, trata da vida em sua realidade, sem no entanto ditar-lhes regras ou rigor metodológico. Ao apresentar a fenomenologia à sociologia interpretativa de Weber une conceitos, transformando a sociologia de Weber na sociologia do conhecimento, pois ao vivermos experiências organizamos elas em uma unidade relacionada ao ego a depender de sua relevância. Aproxima-se das concepções de Bakhtin ao atribuir posições possíveis de valor a relevância, identificando-a em universos de significados culturais ou em diversas realidades múltiplas.

Sobre a linguagem Schutz (1967) aponta que toda análise é formada linguisticamente. Assim, para o autor as ações no mundo da vida não estão vinculadas a linguagem empírica apenas, ou seja, nossas ações são determinadas pela linguagem em todas suas formas semânticas e sintáticas. Para este referido autor as palavras ou expressões desconexas quando ganham significado (valor/axiologias em Bakhtin) constituem um todo significante e se tornam discurso.

Para Schutz (1970), assim como para Husserl, na nossa vida cotidiana questionamos a existência no mundo exterior, o mundo de fato que nos cerca. Conceitos como *noema* (o que é vivenciado) e *noese* (o que vivencia) perpassam a obra do autor.

Seu principal conceito “atenção à vida” deriva de sua aproximação à fenomenologia. No entanto, afasta-se da fenomenologia quando atribui juízo de valor as atitudes (não realizando a redução transcendental de Husserl). Sua teoria está preocupada com a vida experienciada, a vida vivida por meio de interações com as pessoas, numa rede de relacionamentos sociais, o mundo da vida. De acordo com Schutz (1970):

[...] a atenção à vida, é, portanto, o princípio regulador básico de nossa vida consciente. Define os aspectos do mundo que são relevantes para nós; articula o fluxo contínuo de nossa corrente de pensamento: determina a extensão e a função da nossa memória; nos faz, na nossa linguagem, ou viver nossas experiências presentes, dirigidas a seus objetos, ou voltar-nos a atitude reflexiva para as nossas experiências passadas e questionar seu significado (SCHUTZ, 1970, p. 68).

Para o referido autor devemos estar atentos às experiências e interpretações que assumimos no nosso dia a dia, tais interpretações são possíveis graças ao estoque de experiências já interpretadas, acumuladas e sedimentadas, advindas das relações com o outro.

Como estamos imersos no mundo da vida o autor indica que o conhecimento experienciado não é homogêneo e está cheio de contradições, podendo nos levar a diferentes e incongruentes opiniões sobre temas diversos, sejam eles morais, políticos, religiosos, econômicos, entre outros (SCHUTZ, 1970).

Trazendo o debate para o campo educacional Freire (1981) nos diz que toda prática educativa implica numa concepção dos seres humanos e do mundo, ou seja, todo o processo educativo deve ser pensado considerando nossa orientação no mundo (inserido no nosso tempo, no nosso espaço sócio-histórico-econômico-político-cultural) de modo que possamos analisar criticamente, decidir, valorar o pensamento-linguagem, o trabalho-ação, transformando nossos sentidos e expressividade. Para Freire (1981) esta orientação no mundo se dá na dialética entre subjetividade e objetividade.

Ao vivermos no mundo social, no mundo da vida, no mundo historicamente dado, constantemente somos apresentados a situações que nos impõem algum tipo de escolha ou ação, que afetam o nosso semelhante. Para Schutz (1970) as relações sociais que vivo ligam-se a um alter ego individual que orienta o meu ato social não apenas para o alter ego, mas também em relação ao meu semelhante (o outro) que pretendo provocar com minha própria ação. Assim, o que faço é para o outro e só posso ser interpretado por outro, o relacionamento social é uma conexão intersubjetiva de motivos.

Schutz (1970) reflete igualmente sobre os conceitos de tipificação e relevância. A tipificação está ligada a nomeação de um objeto, coisas, eventos, por meio da linguagem dando-lhes significado (signos), geralmente a tipificação acontece com coisas já vivenciadas ou de estrutura típica semelhante. Já a relevância refere-se a interesses alheios à nossa vontade que nos são impostos por um conhecimento gerado e aprovado socialmente (normalmente verificado e interpretado – controles sociais), podendo ser institucionalizado ou não. Por exemplo: leis, regras, rituais, costumes.

Para Schutz (1970) apenas uma pequena parte do meu conhecimento de mundo é que se origina da minha experiência individual. A maior parte é derivada do social (do convívio com colegas, família, professores, entre outros). Assim: “Agindo sobre os outros e sendo afetado por eles, conheço esse relacionamento mútuo, e esse relacionamento implica que eles, os outros, vivenciem o mundo comum, essencialmente de um modo semelhante ao meu (SCHUTZ, 1970, p. 160).”

De acordo com Schutz (1970) o mundo da minha vida diária é um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado pelo outro. Este mundo é historicamente dado, é o mundo natural, mundo sócio-cultural.

A seguir apresentamos o autor Bakhtin e alguns de seus conceitos, a fim de buscar as confluências e divergências possíveis à Schutz.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 – 1975)

Mikhail Bakhtin foi filólogo, estudioso da linguagem. Deve ser considerado filósofo pelo extenso trabalho que desenvolveu com ideias e reflexões inspiradas em diversos filósofos como Hegel, Bergson, Rickert, Husserl, Vossler, entre outros.

Nasceu em Oriol, Rússia, em 17 de novembro de 1895, cidade marcada pelo plurilinguismo (nela viviam diferentes grupos étnicos de diferentes classes sociais). Estudou na Universidade de Nova Rússia (Odessa) e São Pesterburgo, formado em História e Filologia.

Entre 1918 e 1924 viveu nas cidades de Nevel e Vitebsk, ministrando aulas de história, sociologia e língua russa. Liderou um grupo de intelectuais que ficou conhecido mais tarde como Círculo de Bakhtin (grupo multidisciplinar formado por Marvei Kagan, Maria Iúdina, Lev Pumpianski, Ivan Solertinski, Valentín Volóchinov e Pavel Medviédev).

Em 1921 casou-se e mais tarde (1924) mudou-se para São Petersburgo (Leningrado), onde também ministrou aulas.

Em 1929 foi preso acusado de “organização ilegal pelos intelectuais de direita” e ficou exilado em Kustanai, no Cazaquistão, entre 1930-1936. Após o exílio ficou impedido de viver em grandes cidades e teve dificuldade para publicar seus trabalhos. O período político conturbado em que viveu foi um dos responsáveis pela dificuldade de difusão de sua obra. Entre 1936 a 1937 e de 1945 a

1961, deu aulas no Instituto Pedagógico de Mordóvia, na cidade de Saransk, onde ministrou um curso sobre a história da literatura estrangeira.

Entre 1937 a 1945, devido à turbulência política, morou clandestinamente em Moscou e Leningrado, estabelecendo-se em Saviólovo, depois de amputar uma das pernas devido a osteomielite (1938). Nessa época escreveu sua tese de doutoramento sobre Rabelais, que defendeu em 1946 em Moscou tendo o título negado.

Se aposenta em 1961 pelo Instituto Pedagógico de Mordóvia, em Saransk. Em 1969 retorna a Moscou, em 1971 falece a esposa e ele falece em 1975.

Vale salientar que as obras de Bakhtin ganharam destaque no ocidente apenas no final da década de 60. Sua obra foi publicada na Rússia fora da ordem cronológica de seus escritos, uma vez que os intelectuais eram vigiados e Bakhtin teve escritos encontrados fragmentados, anos mais tarde, por seus alunos (Serguei G. Botcharov, Vadim Kójinov e Gueórgui Gátchev). A pessoa que deteve os direitos autorais para reedições das obras de Bakhtin foi seu mentor e amigo Serguei G. Botcharov e, com sua morte em 2017, seus herdeiros.

Bakhtin deve ser considerado filósofo, pois seu pensamento busca apreender o mundo e sua racionalidade não está presa aos moldes científicos, uma vez que fez uma leitura conflituosa do mundo, da estética. Para o autor a vida é maior que a teoria. Mesmo grande parte de seus conceitos terem surgido das suas reflexões sobre autoria (uma vez que sujeitos discursivos quando enunciam ocupam função de autor), para Bakhtin a existência é um evento único (sujeito concreto) e a linguagem é interação (principalmente entre dois centros de valores “eu e o outro”), atividade. Teve como elemento norteador de seu trabalho os valores (axiologias).

Para o autor o discurso é a língua em sua integridade concreta e viva, ou seja, manifestações verbais comunicadoras de posições semântico-axiológicas e impregnadas de relações dialógicas (FARACO, 2021). De acordo com Faraco (2021) precisamos ter cuidado para não reduzir o pensamento de Bakhtin ao dialogismo apenas, caindo no que chama “*vulgata* bakhtiniana”.

Algumas obras traduzidas no ocidente foram atribuídas a Bakhtin, mas, na verdade, eram de outros intelectuais pertencentes ao Círculo de Bakhtin. Por exemplo, *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov) e *O método formal dos estudos literários* (Medviédev). Tais obras servem para complementar as ideias debatidas por esse intelectual, mas não é o pensamento único de Bakhtin. Fiorin (2011) aponta problemas no estudo da obra bakhtiniana principalmente por seu trabalho ser encontrado em fragmentos, sua obra ser publicada na Rússia fora da ordem cronológica e ainda pelas confusões de autoria (com apontado anteriormente, obras atribuídas a Bakhtin mas escritas por autores do Círculo de Bakhtin). Faraco (2009) aponta ainda problemas relacionados a tradução de suas obras, sem o cuidado merecido, com algumas distorções. Isso fez surgir, a partir das diversas traduções e interpretações, muitos Bakhtins (pós-modernista, marxista, interacionista, linguista, filósofo, neokantiano). O autor, para o desenvolvimento de suas ideias, teve contribuições de filósofos citados anteriormente e que também inspiraram Schutz, assim podemos observar pontos de confluência em seus legados.

Para este artigo as obras lidas e refletidas são: *Por uma filosofia do ato responsável* (1920) - obra que veio à luz somente em 1986 (Brasil) e na década de 60 no Ocidente.

Neste livro temos o primeiro trabalho de Bakhtin e suas discussões filosóficas em torno da linguagem, da mente, da responsabilidade, do eu e do outro, da autoria, da existencialidade, do mundo experimentado pela ação (mundo da vida, onde os atos da nossa atividade são realizados uma única vez, mundo que contemplamos, experimentamos, vivemos e morremos) e do mundo representado no discurso (mundo da cultura, onde os atos da nossa atividade são objetivados). Aqui observa-se uma antecipação do conceito de *Lebenswelt* de Husserl. Bakhtin sente dificuldade em compreender o *agora* e o *depois de agora*, e conseqüentemente reflete sobre a *experiência* e a *representação da experiência*, sobre o *ato* e a *ação*.

Outros conceitos de Bakhtin (“evento”, “ação realizada”: *Postupok*) aproximam-se de Husserl (como *Erlebnis*), filósofo reconhecido como o fundador da fenomenologia.

Para Bakhtin (2017) o mundo teórico é alcançado por meio de uma abstração essencial e fundamental do fato do meu ser único e o sentido moral desse fato – “como se eu não existisse”. Aponta: “O mundo no qual eu, do meu próprio lugar único, renuncio a mim mesmo não se torna um

mundo no qual eu não exista, um mundo indiferente, em seu significado, à minha existência (BAKHTIN, 2017, p. 63).

Para o autor a participação responsável no mundo não deve ser considerada uma abstração de si mesmo, para compreender um objeto é necessário compreender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele) no ser-evento único da minha vida cotidiana (BAKHTIN, 2017, p. 66).

Bakhtin (2017) reflete sobre a filosofia não conseguir resolver os problemas a que se propõe uma vez que não determina o ato-ação responsável e nem o mundo real único, crê em seus avanços ao trazer a filosofia para o debate científico. Aponta que as lacunas da filosofia faz com que nos aproximemos do materialismo histórico tendo em vista seu esforço em construir um mundo que executa ações reais determinadas, concretamente histórica. Para ele, uma consciência que luta e age pode orientar-se no mundo do materialismo histórico. Por outro lado tece críticas à ética material e aponta como falha o dever moral/ético estar fora do sujeito pois é uma proposição dada no materialismo histórico. Outra falha apontada é a universalidade da ética material quando ela não pode ser aplicada a todos, pois o dever é ato individual e único.

Traz críticas a subjetividade fenomenológica e faz ressalvas à dialética por acreditar que esta não consegue trazer a reflexão necessária ao homem, apesar de fazer uso dela algumas vezes. Propõe em substituição à dialética as relações dialógicas. Nesse sentido, meio à contramão de Alfred Schutz, suas ideias convergem na medida em que um traz o debate científico à filosofia/sociologia e o outro traz a filosofia ao debate científico, apontando que no mundo da vida o ser único executa ações reais determinadas responsivamente em um espaço-tempo.

Sobre o ato responsável Bakhtin diz ser um erro assumir que a verdade concreta do evento que o realizador do ato vê, ouve, experimenta e compreende no ato único é alguma coisa que só possa ser vivamente experimentado de algum modo no momento de realizar o ato, mas não pode ser enunciado clara e distintamente (BAKHTIN, 2017). Para o autor a linguagem é apta a anunciar essa verdade concreta. Assim, trata sua filosofia a partir da pessoa de fala no discurso (o autor), mas não apenas preocupado com o discurso. Por isso, seu pensamento é complexo, plural, principalmente devido aos conceitos criados para tentar explicá-lo, como alteridade, exotopia, heteroglossia, cronotopo, polifonia, carnavalização estando eles interligados a partir de suas ideias.

Para o autor a linguagem cresceu a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados, e requerem a inteira plenitude da palavra: seu aspecto de conteúdo (a palavra como conceito), seu aspecto palpável-expressivo (a palavra como imagem), e seu aspecto emocional-volitivo (a entonação da palavra) como unidade (BAKHTIN, 2017, p. 84). Isto é, a linguagem pode ser materializada por meio da palavra em vez de ser algo subjetivo.

Segundo Brait (2005) no livro *Por uma filosofia do ato* Bakhtin tinha um projeto teórico mais amplo que envolveria o mundo vivido, o ato estético como agir ético, a ética política e religiosa. Para ela e, neste momento importante para esta pesquisa, Bakhtin incorpora criticamente da visão fenomenológica o caráter situado, corporificado, peculiar e histórico de cada ato humano. Assim, pode-se inferir o conceito de sujeito situado por meio de ato/ação responsável similar ao conceito de situação biográfica determinada de Alfred Schutz, como visto anteriormente.

Na segunda obra lida para este artigo, *Estética da criação verbal* (1930) – livro publicado apenas em 1975 na Europa, o autor traz a luz, dialogando com sua obra anterior, a discussão entre o autor e o herói na atividade estética, apresentando o autor como alguém que precisa estar externo ao contexto da obra (essa exterioridade é o conceito de exotopia) e formula esse distanciamento a partir da distinção do autor-pessoa/autor-criador, que mesmo em uma biografia o autor-criador não retrata o que é, mas aquilo que acredita ser, ou seja, uma projeção a partir do que constrói da visão do outro. A relação valorativa (axiologia) do autor-criador é um modo de ver o mundo.

Na obra, republicada postumamente e que chamou atenção no ocidente apenas na década de 60, o autor também reflete sobre a posição do autor em suas obras. Segundo Brait (2005) ele reforça o deslocamento da linguagem do autor quando aponta que as “ideias” do mesmo quando entram na obra mudam sua forma de existência passando à “imagem da ideia” do autor. Esse distanciamento é o princípio da exterioridade (exotopia). Nessa mesma obra, seguindo suas críticas à Dostoiévski e

analisando a posição do autor em termos de deslocamento da linguagem, concebe a linguagem como heteroglossia e dá materialidade verbal as posições socioaxiológicas que passam a ser entendidas como vozes sociais (BRAIT, 2005, p. 41).

Daí a importância de entender, na concepção filosófica de Bakhtin, que o autor-criador (voz criativa) é capaz de trabalhar a linguagem se projetando fora dela, utilizando outras linguagens ou assimilando as vozes sociais de outros, conceito de exotopia que se confunde com polifonia (diversas vozes) e, também, com as reflexões sobre alteridade na concepção deste autor, pois ao me distanciar e observar as vozes sociais, preciso do outro, aproximar-me e distanciar-me dele. Esses conceitos surgem na obra de Bakhtin na tentativa de materializar a antevisão artística de Dostoiévski na compreensão de um mundo em constante transformação, plural, inconcluso, pois Dostoiévski como autor-criador se coloca como interlocutor em suas obras.

A relação com o outro é importante para Bakhtin, bem como a criação de centros e juízos de valor a partir do sujeito que absorve e se torna depositário desses valores culturais ora recebidos. De acordo com Bakhtin (1997):

A época, o meio social, o micromundo — o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas — que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apóiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc. [...] E por isso que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 1997, p. 313-314).

Para Bakhtin (1997) é a partir de sua visão de mundo e de seus juízos de valor que o autor cria sua concepção estilística e escolhe os recursos linguísticos a serem utilizados. A visão de mundo e a criação de juízos de valor do autor dependem do meio social em que vive. A estrutura da sociedade, a situação social do autor, sua posição, importância, bem como o espaço temporal influem no contexto da comunicação do sujeito (autor/mediador/professor). Ainda para Bakhtin a vida dos sujeitos emana da correlação entre as categorias representativas do eu e do outro. E, a linguagem é ideologicamente preenchida.

Ainda de acordo com Bakhtin a partir da análise da língua (linguagem) introduz o conceito de heterodiscurso (heteroglossia) no romance como sendo o discurso do outro na linguagem do outro, que serve à expressão refratada das intenções do autor.

No livro *Teoria do Romance I: A estilística*, Bakhtin (2015) caracteriza como objetos fundamentais do romance o falante e sua palavra, pois este é historicamente real e a língua forma heterodiscursos (heteroglossia) afetados pela abrangência social e ideologia do falante, para o autor: “O falante é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido, e seu discurso é uma linguagem social (ainda que no embrião), uma linguagem de grupo e não um ‘dialeto individual’” (BAKHTIN, 2015, p. 124).

A assimilação dos fenômenos do campo da existência e do campo semântico compreende um elemento de valoração, pois está dando significado a algo. O que Bakhtin chama de valoração assimilativa, outros filósofos chamam de sentido e intencionalidade. No livro *Teoria do Romance II: As formas do tempo e o do cronotopo*, nos diz:

O que nos importa, pois, é o seguinte: sejam quais forem esses sentidos, para que integrem a nossa experiência (e, além disso, a experiência social), eles devem ganhar alguma expressão espaço-temporal, ou seja, uma forma sgnica que possamos ouvir e ver (um hieróglifo, uma fórmula matemática, uma expressão linguístico-verbal, um desenho, etc.). Até mesmo o pensamento mais abstrato é impossível sem essa expressão espaço-temporal.

Consequentemente, qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos (BAKHTIN, 2018, p. 236).

O cronotopo analisado por Bakhtin tem o significado de enredo no romance, pois são os centros organizacionais dos acontecimentos basilares, ou seja, são o motivo do encontro (mesmo tempo, mesmo lugar). Para o autor, tanto na arte como na literatura, as determinações espaço-tempo são inseparáveis e possuem elementos axiológico-emocionais, o cronotopo determina a unidade artística de uma obra (BAKHTIN, 2018, p. 217).

Depreende-se que Bakhtin foi importante filósofo pressentindo, por meio do seu pensamento e análise de diversos autores, as transformações que estavam acontecendo no mundo. Sua obra, juntamente com os autores do Círculo de Bakhtin, é capaz de interligar vida e linguagem, língua, literatura, cultura, filosofia, orientando os sujeitos ao próprio conhecimento bem como à sua condição no mundo.

A seguir, destaca-se a importância da filosofia no campo educacional, sendo esta capaz de despertar o pensamento crítico e interligar vida e conhecimento no mundo globalizado.

REFLEXÕES SOBRE A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO

A ideia da filosofia pode ser observada no nosso dia a dia diante de questões simples. Ou ainda quando se considera que todos os seres humanos seguem regras ou condutas e são imbuídos de valores sejam eles morais, religiosos, políticos, artísticos, éticos, estéticos. Segundo Chauí (2000) o fato de não aceitarmos imediatamente as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos em nossa existência humana, sem antes investigá-los ou compreendê-los, caracteriza a atitude filosófica. Pode-se imaginar “isso é papel do cientista”, mas não é apenas dele. De acordo com Chauí (2000) a atitude filosófica é crítica, analítica e reflexiva.

Nesses termos a atitude filosófica aproxima-se da finalidade da educação considerando o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9394/96) onde deve ser garantido o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética, o desenvolvimento individual, da autonomia intelectual e do pensamento crítico (BRASIL, 1996).

Segundo Freire (2001), a educação é indispensável aos seres humanos como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, capacitação científica e técnica, instrumento de luta, prática permanente.

Na história moderna e contemporânea pode-se dizer que a educação tomou novos rumos a partir do século XIX devido principalmente a visão cientificista do positivismo que predominava à época. No entanto, Aranha (2006) salienta que:

[...] as questões da educação são engendradas nas relações que se estabelecem entre as pessoas nos diversos segmentos da comunidade. A educação não é, portanto, um fenômeno neutro, mas sofre os efeitos do jogo do poder, por estar de fato envolvida na política (ARANHA, 2006, p. 10).

Assim, cabe salientar que desde os primórdios da educação, ainda na Grécia a.C. com a ideia de *paideia* (educação integral), ela foi seletiva, apenas os aristocratas tinham acesso à arte da oratória e dedicavam-se a filosofia. À mulher, por exemplo, era dedicado outro espaço (*oikos* – universo doméstico) que não o espaço público de opinião (*polis*). Os filósofos que estavam envolvidos no cotidiano das cidades, da política, onde emanavam os valores e ideologias eram predominantemente homens. Mas, esse lugar de opinião, sofreu transformações importantes até os dias atuais (SIQUEIRA; FERREIRA, 2015).

Pode-se afirmar que o surgimento da filosofia e depois da educação dependeram do contexto histórico e geopolítico (como o surgimento e desaparecimento das cidades, do comércio, da vida urbana, a invenção do calendário, da moeda, entre outros), pois com as conquistas de territórios, absorção de culturas e o surgimento do cristianismo a educação modificou-se ao longo dos séculos. A tradição que mais influenciou o campo educacional do Ocidente foi a europeia latina (derivada principalmente do Império Romano).

Os pensadores da filosofia que durante séculos discutiram conceitos como ser e não-ser, metafísica, ontologia, evangelização, entre outros, tiveram enraizamento no que foi debatido na antiguidade por Platão e Aristóteles. Pode-se afirmar que a ontologia moderna deriva de David Hume e Immanuel Kant, este último apontou a metafísica como insensatez dogmática. Mais tarde, é Husserl que refletirá sobre o ser (os entes) e as essências (dotação de sentido por meio da intencionalidade consciente dos sujeitos, ou seja, a consciência é um ato intencional), difundirá e complementarizará o conceito de fenomenologia (ou *eidós*, ou essência), como sendo a descrição de todos os fenômenos (significação de todas estas realidades: materiais, naturais, ideais, culturais). Depois Martin Heidegger e Merleau-Ponty ressignificarão ontologia como aquela que estuda as essências antes que sejam fatos das ciências e depois de se tornarem estranhas para nós (CHAUÍ, 2000, p. 308).

Como apontado, nosso desenvolvimento educacional derivado da tradição europeia teve no século XIX, mesmo com ideais de estender a educação para toda a população, uma situação caótica, com a má formação de mestres, poucas instituições de ensino, prevalecendo o dualismo escolar, com uma escola para o povo e outra para a burguesia.

No século XX a educação no mundo passou por grandes transformações impulsionadas pelos contextos históricos elencados anteriormente (as duas grandes guerras mundiais, o avanço da ciência e tecnologia). Depois da Segunda Guerra foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU) e depois a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Nesse período pós-guerra as visões de mundo antagônicas da Guerra Fria determinaram a orientação pedagógica dos blocos de países. Para o bloco ocidental, de países de modo de produção capitalista, se destacou o neoliberalismo. Cabe salientar que o termo neoliberalismo tem etimologia primeiramente econômica, prega a liberalização econômica, visando o desenvolvimento de mercado, aumentando efeitos como a desigualdade social. O crescimento do neoliberalismo no mundo suscitou igualmente movimentos sociais de contestação (movimento *hippie*, *punk*, entre outros) defendendo uma globalização mais democrática (ARANHA, 2006).

No início do século XX a educação no Brasil era mais caótica do que na Europa, os cursos de magistério possuíam frequência baixíssima, o ensino de maneira geral tinha caráter doutrinário em escolas religiosas, contrário ao resto do mundo que pregava a laicização das escolas. Havia, igualmente, um otimismo de democratização da sociedade por meio da escola, que mais tarde apontou o caráter ideológico da escola e a reprodução do sistema pela classe dominante.

Na ditadura militar brasileira (1964-1985), houve fechamento de escolas experimentais e diversos debates foram interrompidos. A educação mantinha os direitos e privilégios aos aristocratas, mantendo a fachada da escola democrática. Apenas em meados dos anos 1980 foram retomadas as discussões sobre temas educacionais e houve incremento da produção científica nacional. Com isso, aumentou a reflexão sobre o poder exercido pela escola e fez surgir uma pedagogia cultural, científica e inclusiva. Lembrando que qualquer incremento ou expansão na área educacional do Brasil foi fortemente marcada pela desigualdade racial e de classe. O final do século XX apontou o surgimento da sociedade da informação, com as mídias e aumento da difusão do conhecimento modificando o ensino e a aprendizagem, transformando os rumos educacionais no Brasil.

Neste início do século XXI, os desafios são prementes, depois da pandemia ocasionada pelo Covid-19¹, o aumento das tecnologias, o avanço das redes sociais e inteligência artificial, cada vez mais devemos refletir sobre os fenômenos e essências necessárias ao humano, retomando as reflexões e transformações culturais igualmente importantes para a vida em sociedade. Assim, a filosofia deve fazer parte da formação pedagógica nos cursos de graduação, estimulando a leitura e reflexão, despertando a análise crítica, pois conhecendo os pensadores e os desafios passados (desde a ideia de *paideia* até os dias atuais) podemos propor mudanças possíveis no mundo globalizado.

Na próxima seção retomamos as reflexões sobre os possíveis diálogos entre o pensamento filosófico dos autores base deste artigo, já reconhecendo a importância da filosofia para a educação e formação humana.

1 A COVID-19 é a doença causada por um novo coronavírus denominado SARS-CoV-2. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tomou conhecimento deste novo vírus em 31 de dezembro de 2019, após receber a notificação de um grupo de casos de “pneumonia viral” em Wuhan, na República Popular da China. (OPAS, 2023)

CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Continuando as reflexões apresentamos as principais aproximações encontradas por meio da análise das obras aqui referenciadas dos filósofos Mikhail Bakhtin e Alfred Schutz e, também, alguns pontos de divergência.

Ambos experienciaram pensamentos de filósofos em comum, pois no início do século XX havia riqueza de debate em torno das teorias do conhecimento, cientificidade a fim de conquistarem suas lógicas e ideologias. Aparentemente apesar de seguirem tendências filosóficas distintas, pois atribui-se à Bakhtin o materialismo e à Schutz o idealismo, temos como principal ponto de convergência a alteridade, em Bakhtin, e a importância do outro, em Schutz. Temos ainda confluência entre os conceitos de cronotopo (Bakhtin) e situação biográfica determinada (Schutz), a heteroglossia (Bakhtin) e os papéis sociais (Schutz).

Faraco (2009) aponta que Bakhtin é um crítico ao racionalismo, a formalização e a despersonalização sistemáticas, interessa a ele o singular, o evento, o ato individual. Segundo este autor Bakhtin reconhece avanços na filosofia e em suas elaborações, mas critica o fato da mesma não discorrer sobre o ser-evento-único, busca assim viabilidade na fenomenologia distanciando-se de conceitos e pensando um mundo efetivamente participativo.

A obra dos autores apresenta como ponto de divergência a subjetividade fenomenológica que aparece em algumas reflexões de Schutz, enquanto que para Bakhtin a linguagem dá materialidade ao ser. Segundo Fiorin (2011) Bakhtin pensa fenomenologicamente os eventos, para este autor o dialogismo são as relações de sentido (valor) que se estabelecem entre os enunciados.

A obra de Schutz sofre críticas até os dias atuais por não dar centralidade ao fenômeno “poder”, no entanto ao apresentar o conceito de relevância, este nos dá subsídios a entender o fenômeno “poder” pensando principalmente no aspecto processual na relação de constituição do poder, pois a constituição subjetiva do poder está baseada no nosso estoque de conhecimento (devidamente acumulado e sedimentado) em uma relação dialética com as estruturas objetivas do poder.

Bakhtin igualmente sofreu críticas de alguns pensadores por considerarem a concepção dos gêneros do discurso pouco provável, devido a extrema heterogeneidade dos mesmos e a dificuldade de definir assim a natureza do enunciado.

No entanto, refletindo fenomenologicamente as definições tornam-se algo presumível tendo em vista que buscamos determinações e sentidos (valores) para nossas concepções de viver. Normalmente, não colocamos em xeque as abstrações e projeções realizadas a todo momento, pois o ser-único age refletindo e refratando o outro sem ter consciência disso, pois uma vez que tenta enunciar algo está projetando esse “nós” (eu + outro) por meio da linguagem (com todas as suas entonações, abstrações, projeções, morfologia, fonética, sintaxe e mais todos os elementos que concretizam a atividade humana). Prefere-se nesse momento enfatizar as aproximações entre suas filosofias e não as divergências, uma vez que Bakhtin conheceu a fenomenologia, mas Alfred Schutz dificilmente dedicou-se à filologia ou linguística. A aproximação filosófica é possível, mas a divergência só pode ser unilateral entre eles.

A filosofia, a partir da visão fenomenológica, provoca a análise que tempo e espaço são subjetivos e que a linguagem constitui o ser (*Dasein*).

A importância do Outro (Alteridade em Bakhtin)

O conceito de alteridade em Bakhtin está relacionado a formação dos sujeitos, Bakhtin (1997) aponta:

Quando me identifico com o outro, vivencio sua dor precisamente na categoria do outro, e a reação que ela suscita em mim não é o grito de dor, e sim a palavra de reconforto e o ato de assistência. Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético. (BAKHTIN, 1997, p.29)

Nesse sentido Bakhtin aproxima suas ideias de Schutz, pois para este último “o outro” possui papel fundamental, é a partir das relações sociais que nos tornamos o que somos e adquirimos nossa bagagem de conhecimentos sócio-culturais capaz de guiar nossas ações no mundo da vida.

Schutz aponta: “O mundo da minha vida diária não é de forma alguma meu mundo privado, mas é, desde o início, um mundo intersubjetivo, compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos (SCHUTZ, 1970, p. 159).”

Schutz (1970) explica nossa condição fenomenologicamente afirmando que não conhecemos a mente do outro, apenas identificamo-nos com as experiências deste alcançando um relacionamento de “nós” comum. Pois, apenas nos colocamos no lugar do outro e identificamos as experiências que vivenciamos com as dele, o tu nada mais é do que um “outro eu”, pois nos projetamos nele. Este autor diz que a reação do outro é “o motivo a fim de” do meu ato. Assim, aproxima-se de Bakhtin que afirma que refletimos e refratamos o outro. Bakhtin quer dizer exatamente a mesma coisa de outra forma, uma vez que ao me projetar no outro, vejo meu próprio reflexo a partir de uma determinada concepção e da mesma forma o outro projeta-se em mim e também vê-se por meio da sua visão de mim. Ele não compartilha a visão do “nós” comum, pois para Bakhtin (2017) em momento algum eu perco minha singularidade, individualidade. O meu não-existir não dá lugar a minha consciência. Brait (2005) explica que para Bakhtin a concepção de um sujeito que é um eu para-si (formação de identidade subjetiva) é também um eu para-o-outro (inserção da identidade no plano relacional), ou seja, “só me torno eu entre outros eus”.

Como apontado anteriormente Schutz (1970) afirma que o homem age no mundo social entre e sobre seus semelhantes, transformando a todo momento seu ambiente e deixando igualmente possibilidades em aberto.

O Cronotopo e a Situação Biográfica Determinada (O espaço-tempo)

A pesquisa aponta aqui as aproximações dos conceitos de cronotopo e ato responsivo em Bakhtin a situação biográfica determinada e ato/ação em Schutz.

O conceito de situação biográfica determinada em Schutz (1970) diz:

Todo momento da vida de um homem é a situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sócio-cultural conforme definido por ele, dentro do qual ele tem sua posição, não apenas posição em termos de espaço físico e tempos exterior, ou de seu *status* e papel dentro do sistema social, mas também sua posição moral e ideológica. (SCHUTZ, 1970, p.73)

Ao refletir sobre o mundo da vida e a importância do sujeito inserido nesse mundo, Schutz (1970) infere que todo momento da vida de um homem é a situação biográfica em que ele se encontra agindo levando em consideração sua posição moral e ideológica e neste aspecto podemos afirmar aproximação ao pensamento filosófico de Bakhtin quanto ao conceito de ato/ação responsiva, pois este crê num sujeito situado histórica e ideologicamente que deve agir responsivamente frente ao outro. Segundo Brait (2005), sintetizando o que é o ato/ação em Bakhtin, aponta o uso de um termo em russo que tem sentido durativo, ou seja, a ação concreta é intencional e praticada por alguém situado, não transcendente. Schutz (1970) considera o ato intencional uma projeção para a ação consciente. Podemos inferir o mesmo efeito durativo que Bakhtin propõe, ou seja, o ato intencional levando a ação consciente.

Além disso, Bakhtin (2018) informa que o tempo e o espaço do autor-criador é ilimitado, como se estivesse em uma outra dimensão, numa projeção, mas reforça que no mundo vivido, sejam quais forem os sentidos, que integrem nossa experiência é necessário a expressão espaçotemporal, ou seja, qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos. Para Brait (2005), o conceito de cronotopo reside no diálogo de Bakhtin com diversos filósofos e estudiosos, dentre eles Albert Einstein (relatividade) e Henri Bergson (conceito de duração). E, os sentidos de

cronotopo em Bakhtin se organizam em três eixos: o da forma de entender o mundo da vida (experienciado), o da forma de organização dos discursos e o de arquitetura de gêneros.

Heteroglossia: Valores volitivo-emocionais (Papéis Sociais)

Para alcançar o significado do conceito heteroglossia faz-se necessário introduzir o conceito de enunciação em Bakhtin. Para Bakhtin (1997):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Quando Bakhtin (1997) afirma que o enunciado vai além do constructo relacionado a língua e é marcado pela especificidade de uma esfera da comunicação podemos observar uma tendência a tipificação em Schutz (1970), pois este último explica que o que já foi captado uma vez, em sua tipicidade, traz consigo um horizonte de experiências possíveis, com referências correspondentes à familiaridade.

Cabe salientar que o conceito de heteroglossia só faz sentido quando pensamos o enunciado, pois é a partir dele que surge a capacidade de dilapidar as potencialidades intencionais da língua. Os tipos relativamente estáveis de enunciado são denominados “gêneros do discurso”. Para Bakhtin (2015, p. 65), “toda manifestação verbal socialmente significativa é capaz de contagiar com suas intenções os elementos da língua, impondo-lhes determinadas nuances e tons axiológicos.”

Esse contágio nas intenções comunicativas da língua e a manifestação verbal socialmente significativa da heteroglossia aproximam-se do que Schutz (1970) chama de papéis sociais, pois para ele o que o ator individual na cena social vive em termos diferentemente são elementos de uma rede de tipificações, ou seja, as ações do sujeito no mundo social e as relações dele com seus semelhantes e objetos culturais. O enunciado representa o epítome das tipificações socialmente aprovadas pelo grupo linguístico.

Para Bakhtin (2015) heteroglossia ou heterodiscurso são a mesma coisa e derivam da consciência linguística socioideológica, uma vez que o autor utiliza esse recurso criativamente, quase como uma estilização, para trazer ao texto (principalmente romance) a manifestação de microcosmos diferentes, camadas da linguagem dos gêneros. Para chegar a esse conceito o autor realizou observação e reflexão a partir de romances. No entanto, a heteroglossia pode ser observada em outros contextos, como um recurso melhor entendido para aqueles que percebam essa transição de estilo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se inferir até o momento que existem aproximações nas teorias dos dois autores, não pelas experiências vivenciadas apenas, mas por meio do contexto sócio-histórico filosófico que permearam suas vidas, fazendo com que tivessem contato com filósofos que traziam reflexões sobre temas recorrentes como o mundo da vida, o ato e a ação humana, a relação com o outro, as experiências que vivenciamos e que de alguma forma sedimentamos em nós, a compreensão do aqui e agora, o espaço-tempo.

Paulo Freire (1981) reflete sobre a impossibilidade de separação entre teoria e prática educativa, aponta a necessidade de unidade entre teoria e prática social, bem como adverte sobre a relação entre os níveis de linguagem para organizar e eleger palavras (geradoras) na alfabetização. Nos diz:

A alfabetização se faz, então, um quefazer global, que envolve os alfabetizandos em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este quefazer global, fundado na

prática social dos alfabetizandos, contribui para que estes se assumam como seres do quefazer – da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho, criam o seu mundo. Este mundo, criado pela transformação do mundo que não criaram e que constitui seu domínio, é o mundo da cultura que se alonga no mundo da história (FREIRE, 1981, p. 17).

O mundo da cultura que se alonga ao mundo da história no quefazer global, apontado por Freire (1981), traz a importância da relação com o outro, das experiências que acumulamos e sedimentamos ao longo da vida cotidiana, provocando a análise filosófica, crítica, no mundo da vida. Daí a importância de buscar aproximações entre teorias ou conceitos que reflatam filosoficamente sobre as mesmas coisas, mas que algumas vezes são descritas por palavras distintas.

A relação com o outro, presente tanto na obra de Schutz como em Bakhtin, é base para as transformações que buscamos no humano e no mundo da vida.

Afirmar que existem aproximações entre esses autores não significa tensionar suas teorias, mas apropriar delas o que possuem de relevante para nossa visão de mundo. A polissemia existente entre os termos aqui ora apresentados e a necessidade do humano em encontrar motivos e conceitos para suas determinações por si só já são fenômenos a serem refletidos. O mundo da vida é o que cada um determina e projeta para si, é experiência dotada de sentido. Somos constituídos pelas relações, afetações. As construções do conhecimento humano são abstrações e derivam da nossa construção sócio-histórico-cultural.

Os papéis sociais que assumimos ou os tons axiológicos que empregamos ao longo da nossa jornada familiar, acadêmica, profissional refletem a história, cultura e sociedade em que estamos imersos e transpassa a filosofia do mundo contemporâneo.

Cabe ressaltar a necessidade de reconhecermos a fragilidade das coisas do mundo, o caráter de impermanência a fim de praticarmos o exercício de ressignificação constante para mantermos nossos sentidos existenciais completos, com serenidade.

REFERÊNCIAS

ABRALIN. *Bakhtin: Linguagem e cultura*. Ministrado por: Carlos Alberto Faraco. Produção: Associação Brasileira de Linguística (Abralín) - EAD, Brasil, 2021. Disponível em: <https://ead.abralin.org/>. Acesso em: 28.03.2021.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e Pedagogia: Geral e Brasil*. 3. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradutor Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. *Organização Pan-americana de Saúde*. Histórico da pandemia de Covid-19. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em: 28.03.2023

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB)*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática, 2011.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. História, historiografia e pesquisa em educação histórica. In: *Educar em Revista*. Curitiba, v.35, n.74, p. 17-33, mar/abr, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/76nr3hq9SHcQcL.VWqXYZRMr/?format=pdf> Acesso em: 02.02.2023.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smazaro; FERREIRA, Gilton Luiz. O lugar da opinião. A cidade e os espaços de produção social de opinião pública. *Caderno Metrópole*. São Paulo, v. 17, n. 33, p. 225-242, mai. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/shcLFwdWgxyQv8vSPytMzLh/abstract/?lang=pt> Acesso em: 07.03.2023.

PEDRO, Antônio. *História geral: compacto*. São Paulo: FTD, 1995.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autora 1 – Pesquisadora dos aportes bibliográficos, participação ativa na escrita do texto, análise dos textos e revisão final.

Autor 2 – Análise e redação do texto.

Autora 3 – Escrita do texto e revisão final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.